

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO

de

Angelo Agostini

R. OVIDOR, 109



copied
(Desenho dum contribuinte)

— Maldicto azar!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	20\$000	Anno.....	24\$000
Semestre....	12\$000	Semestre....	14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas!) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 26 de Outubro de 1895

A CHIMERA MONARCHISTA

Surge, ou pretende surgir, no horizonte um partido politico, que até agora se esquivára, quasi absolutamente, de discutir idéas e de pleitear eleições no seio da República. Referimo-nos, já se vê, ao partido monarchista ou restaurador, de cujas esperanças se fez portavóz o intelligente e distincto Dr. Affonso Celso Junior em dous artigos publicados no *Commercio de S. Paulo*, e de cuja existencia parecem ter querido dar testemunho os convivas do banquete da *Rotisserie* de S. Paulo.

Como era natural, a novidade suscitou interesse, e os adversarios não tardaram a descer á arena, uns já de lança em riste, promptos para acceitar o combate, outros atirando de passagem uns dardos de ironia e motejo, que são os prenuncios de luta mais renhida.

Claro é que esta folha, sentinella avançada da liberdade e herdeira de tradições gloriosas, não pôde nem ha de assistir impassivel, indifferente, a tão importante peleja.

O Sr. Dr. Affonso Celso Junior, outrora paladino dos principios republicanos nas discussões academicas e no seio da propria camara monarchica, por singular antithese, parece ser hoje não só um dos mais entusiastas como dos mais convencidos defensores da idéa restauradora. « O restabelecimento da monarchia, diz elle, é não só indispensavel, mas *infallivel*, corramos a postos!

Parece-nos que o illustre moço, convertido pelo infortunio politico de seu pae, não menos illustre, illude-se redondamente nos seus vaticinios, deixando que o coração lhe falle mais alto do que a razão.

Aquillo que não foi possivel e não se fez emquanto vivo o imperador, brasileiro por muitos titulos respeitavel e indubitavelmente estimado pela nação, hoje é mais do que uma chimera, e pôde dizer-se talvez, seria hoje um absurdo, sinão a maior das calamidades.

Ha tres argumentos poderosissimos para

demonstrar o que ahi vae dito: a falta de um candidato idoneo; a autonomia adquirida pelos Estados no regimen republicano; a força já respeitavel, do partido republicano.

1.º Fallece o candidato idoneo, porque a princeza D. Isabel e seu esposo, não conseguiram captar a sympathia do povo brasileiro, e seus filhos são moços de cujas aptidões ninguém pôde estar seguro. A nação brasileira quereria por ventura dar um salto no escuro, atirando-se nos braços de uma soberana impopularissima ou nas aventuras inherentes ao governo de principes inexperientes? Impossivel.

2.º Si a monarchia fosse hoje restabelecida no Brazil, ou tentaria voltar ao regimen centralizador do passado, que foi uma das causas de sua ruina, ou manteria a federação das provincias com a autonomia larguissima, que a Constituição de 24 de Fevereiro lhes conferiu. Na primeira hypothese veria, levantarem-se contra si vinte Estados que não se resignarão jamais a perder os elementos de grandeza e progresso que ganharam no regimen republicano. E teria meios de resistir a esse embate? Impossivel. — Na segunda hypothese, a chamada monarchia seria um simples castello de cartas, exposto a ser derribado pelo primeiro homem de coragem que se quizesse pôr á frente de uma nova campanha democratica. E a monarchia acceitaria esta situação ridicula? Impossivel.

3.º Não estamos em 1895 nas condições de 1889, em que o partido republicano era uma esperança e não passava de um punhado de homens apaixonados por um ideal. Esse partido cresceu, avolumou-se, ramificou-se largamente por todo o Brazil deante da prova de que a republica é uma realidade possivel. Com rarissimas excepções, a mocidade inteira abraçou entusiasticamente as novas instituições, e constitue um exercito que estará prompto a bater-se por ellas. Dos antigos, que serviram ao paiz no regimen monarchico sem adorações fetichistas, muitos, muitissimos são, os que convencida e lealmente adheriram á republica, e portanto não é n'esse grupo de homens honestos, que o sebastianismo irá encontrar defensores.

Graças a taes elementos, o partido republicano conta presentemente com um pessoal numerosissimo e não só aparelhado para as luctas da palavra e da imprensa, sinão ainda para encontros mais serios.

A idéa restauradora suppõe acaso que uma aventura qualquer encontraria hoje a nação *bestializada*, como achou no dia 15 de Novembro de 1889? Ainda uma vez, impossivel.

Convençam-se portanto, os monarchistas de que luctarão debalde, si pretenderem outra cousa que não seja a critica e a fiscalização dos actos da Republica para que ella se consolide e faça a felicidade do povo brasileiro. Tudo o que não fór isto, será contribuir para o descabro completo da nação, correndo atraz de uma chimera.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

TONY A LÉO

Descobri razão mudez senador Barata.

LÉO A TONY

Ora! Isso, eu tambem: senador Barata mudo por inda ter língua presa...

TONY A LÉO

Nunca! Língua d'elle bem solta até...

LÉO A TONY

Então porque é mudo? Dize

TONY A LÉO

E' que em pequeno metteram-lhe ovo fervendo na bocca...

LÉO A TONY

Pobre senador! Como fizeste descoberta tão importante?

TONY A LÉO

Vi, tem horror ovos quentes: para Barata senador ovo quente é recordação cara...

LÉO A TONY

— Vai contar *Cidade do Rio* pagará bem tua reportagem.

O estacionario,

ORÓ WESTERN.

Projecto de lei

Ouvimos dizer nos corredores da Camara, que um illustre representante da nação vae por estes dias apresentar o seguinte projecto de lei:

Considerando que nada perturba mais a tranquillidade das familias, e portanto a ordem e o progresso do paiz, do que a zanga dos meninos castigados pelas suas estroinices;

considerando que esse direito de punir travessuras exigido pelos professores e pelos paes é um abuso inqualificavel e um desrespeito á constituição;

considerando finalmente que a liberdade de cada um fazer o que entende, si é irrecusavel para os marmanjos que manejam a ferula, é tambem um direito sagrado da meninada, e um caracteristico do nosso regimen ultra-democratico;

O Congresso decreta:

Art. 1.º Serão izemptos de toda a pena os desacatos feitos pelas crianças, ou seja em suas proprias casas ou nos collegios que frequentam.

Art. 2.º Os paes e professores que ousarem punir esses pimpolhos gloriosos da nação e futuros baluartes da nacionalidade, serão privados de suas funcções por indignos, e condemnados a desterro para o kilometro 65 ou para a fortaleza de Santa Cruz em Santa Catharina.

Art. 3.º Haja ou não haja vaga, sobre logar ou não sobre, os illustres fedelhos — espe-

rança da patria regenerada pelo consolidador do caracter nacional—, serão admittidos nas escolas, nas repartições publicas, no seio do Congresso, na magistratura e no professorado, desde que revelem essa pretensão e provem que foram vaccinados.

Art. 4.º Sendo a materia por sua natureza impenetravel e podendo succeder que não caibam todos, novos e velhos, nas mesmas repartições, o governo despedirá incontinentemente os monotonos e pacificos servidores para que fiquem nos logares os joviaes e trefegos meninos, que dão vida e movimento à sociedade, alegam as secções dos joviaes e divertem o publico.

A Semana

Puxou d'aqui, puxou d'alli,
Mas afinal appareceu...
Dir-me-hão—Tão gorda eu nunca a vi!
Digo—Tão magra a não vi eu.

Que tempo immenso a coitadinha
P'ra vir á rua consummiu,
Mas ella estava tão na espinha
Que, nem sei como não cahiu.

E era uma bella rapariga
Quando de si deu que fallar;
Entrou no mundo e logo a intriga
Entrou com ella a trabalhar.

Alguns queriam-n'a completa,
Outros um só pedaço ter;
E a pobre feita uma peteca
Não sabe como se ha de haver.

Puxou d'aqui, puxou d'alli,
Mas afinal appareceu...
Dir-me-hão:—Tão gorda eu nunca a vi!
Digo:—Tão magra a não vi eu.

Demorou muito, ella o confessa;
(A quanto tempo viera a Paz!)
Porém, ao verem-n'a com pressa,
Os homens davam-lhe p'ra traz.

Veio calçada de tamancos,
De saia curta e cascaveis,
Aos trambulhões, vaiada, e, mancos,
Errando o passo, ambos os pés.

Oh! amnistia caricata!
Oh! formidavel alleijão;
Precisas muito de uma errata...
E na primeira occasião.

No Senado fundou moradia
O almirante que a patria salvou.
Não descança nem noite, nem dia
De lembrar o favor que prestou.

Fez o Chefe real beneficio,
Quer a paga daquillo que fez,
Mas alguém conhecendo-lhe o officio.
Busca apenas perder o freguez.

E Gonçalves não deixa o Senado
— Pois já viram cacete peor?
Quando Seixas cobrava o fiado,
Nunca foi tão feroz cobrador.

Oh! Gonçalves, ao mar, vê se deixas
O Senado trabalhar em paz;
Porque tanto cobrou, vê o Seixas,
O que diz, o que quer, o que faz?

Já andamos tontos,
Com as tuas contas não podemos mais,
Esquece, oh! Chefe, esses duzentos contos
Integraes.

Oh! Alagóas, terra do Oiticica!
Oh! Alagóas, terra do major!
Por ti a Patria andou de trica em trica
E andamos todos de mal a peor.

O teu governador á noite fica
No chão; de dia eil-o governador,
Oh! bella terra de milagres rica,
Que surpresa nos queres dar maior?

Arthur já disse que nenhum alumno
Tomou parte nas tuas sedições:
Comtigo, Arthur, pelos meninos juro.

Mas se alumnos não ha naquella terra,
Dize-me, Arthur, como ha revoluções?
Como, Arthur, é possível que haja guerra?

F. MENDES.

AMNISTIA

Estamos de accordo com os nossos collegas do *O Paiz* que achavam o Senado inexhoravel para com os ex-alumnos, briosos defensores e consolidadores da Republica.

O Senado rejentou o projecto que mandava readmittir as innocentes creanças que uma vez por troça debicaram a disciplina militar, velha e carrançosa pulha, hoje absolutamente varrida dos quarteis do mundo civilizado. E isto justamente quando se votava a amnistia aos revolucionarios de Setembro que passavam uma vida de rosas ás margens encantadas do formoso Rio da Prata.

Tem razão o nosso meigo collega. Tambem a culpa cabe em parte áquella associação malvada que votou uma amnistia tão restringida que mal alcança aos proprios para quem foi feita.

Não será fóra de proposito lembrar que nacturalmente a vingança entra em grande parte na resolução que o Senado acaba de tomar, pois já uma vez a Camara dos Deputados foi vaiada de rijo, uma pateada de primeira ordem, por pouco não apanharam os deputados e o pobre do Senado, coitado! nem sequer teve a honra de um assobio.

Que a Camara, portanto, pague a sua vida de honra, o Sr. Glycerio tem costas largas.

Conte o nosso collega sempre com a nossa adhesão e em occasiões justas, como a que hora se manifesta.

E'-nos grato tambem aqui assignalar, por isso que comprova o que acima dissemos o elogio do Sr. Ministro da Marinha ao Dr. Trineu Machado, por ter outro dia no cemiterio de S. João Baptista passado uma formidavel descompostura no Sr. Presidente da Republica.

Serviços como esse, merecem a recompensa honrosa que o illustre genro do Sr. Ministro das Relações Exteriores acaba de obter.

Para completar a obra esperamos que não seja esquecido pelo Sr. Ministro do Interior o Sr. Raul Pompéa.

L. D.

COISAS

N'aquelles tempos do imperio, dizia-me sempre um conselheiro: — « Fique certo de que eu só não fico doido, porque não tenho juizo. »

Discreto conselheiro! Que dizias tu, amado velho, se te visses como eu, aturdido com o pagode de Amapá, com as tartarugas da Trindade, com a amnistia jacobina?

Com effeito, não me entendo, nem a mim, nem a ninguém. Ainda ha dias, amnistia votada, Itamaraty contente, telephones e telegraphos em contradansa, tudo em paz, um jornal annuncia que o Sr. Ministro da Guerra fez um presente ao Sr. Presidente da Republica...

Ora advinchem que foi que o Sr. General Vasques offereceu ao Dr. Prudente de Moraes.

Sabem o caso do cego? Pois la vae:

Perguntaram a um cego de nascença que idea fazia da cor vermelha. O homem concentrou-se, pensou, pensou e respondeu convencido: « E' uma coisa assim... *boom!*... »

Que disparate! exclamarão; pois não poderão deixar de imitar esse cego para responderem que foi que o Sr. Ministro da Guerra offereceu ao Sr. Presidente da Republica.

Depois de passada a amnistia, depois de confirmada completamente a paz, o Sr. General Vasques offereceu ao Dr. Prudente de Moraes simplesmente uma espingarda Mauser, tipo moderno, com não sei quantos mil cartuchos.

Não me preoccupa o Sr. Ministro da Guerra, preoccupa-me o embaraço em que ha de estar á estas horas o illustre magistrado, honrado e pacifico, que dirige os destinos da nossa terra.

S. Ex. não atina com o sentido occulto do presente, nem atina com o sentido, nem atira com a espingarda.

S. Ex. ha de se lembrar que sempre, depois da casa roubada, é que se põe trancas na porta, por isso a espingarda veio tarde. Para que essa arma, si S. Ex. já dera o tiro de honra?

Será, pensará attonito o Dr. Prudente, para que eu passe o poder e vá matar... o tempo que me sobra?

Que symbolo encerrará essa maldita espingarda?

Triste lembrança a do Sr. Ministro da Guerra!

Nunca me hei de esquecer que o diabo matou a avó com uma espingarda sem fecho, que dirá, essa que é moderna, e dá um milhão de tiros por minuto.

Sr. Dr. Prudente, mande a arma cá para a nossa redacção—Ouvidor, 109, *D. Quixote*—, o primeiro jornal illustrado do mundo.

GATO-PRETO.

CARTA

Ao Exmo. Sr. Dr. Aarão Reis, muito digno director geral dos Correios:

Exmo. Sr. Dr. — No nosso numero 37, escrevemo-vos uma extensa carta que, por certo vos dignastes de ler, na qual pedimos a vossa attenção, e as vossas providencias tambem, para o procedimento inqualificavel, senão já abusivo e até violento que, cada vez que se publica a nossa folha, se dá na grande repartição ao vosso cargo.

O Correio que administras *muito bem*, sempre que passa por lá uma grande phalange dos intrepidos *D. Quixotes*, faz a muitos d'elles prisioneiros. Isto já não é simplesmente, bonito, já é heroico!

Escrevemo-vos longas linhas. Para que serviram, porém? A phalange continua guerrilhada no Correio, e assim se dizima uma boa porção dos nossos numeros. Que mal vos fizemos e ao vosso povo?

Lesaes ou lesam constantemente o nosso direito, a nossa propriedade e, sobretudo, nos ponde ou nos põem nas mais apertadas difficuldades de administração.

Talvez, amanhã, grande numero de assignantes nos acoimem de impontuaes, descuidosos ou negligentes.

Parece que é fado do *D. Quixote* sempre lutar!

Prosegui ou prosigam em atacar, e a offensiva estará depois commosco.

A sua lança é infallivel: o *D. Quixote* vencerá.

A ADMINISTRAÇÃO.

A POSTOS

Este grito que sahiu dos pulmões do Dr. Affonso Celso é mais serio do que pensamos. A monarchia vem ou não vem?

Os chefes restauradores já teem manifesto prompto, apenas um não crê na volta do velho regimen. Dizem que este S. Thomé é o Sr. Ferreira Vianna; eu não affirmo, mas não duvido. Macaco velho não mette mão em combuca.

Porque duvida o Sr. Ferreira Vianna?

S. Ex. foi ministro como é ministro agora o Dr. Carlos de Carvalho, S. Ex. vê como o Dr. Carlos de Carvalho está dando a Republica aos pedaços a *old England*.

Se a montanha não vem a Mahomet, Mahomet vai á montanha. Se a monarchia não vem até o Brazil, o Brazil vae até a monarchia, ou a uma potencia monarchica, que vem a ser o mesmo.

Para começar o Sr. ministro das relações exteriores está tratando de entregar a ilha da Trindade a rainha Victoria

O Gabinete de Sainte James, ja declarou que só uma autorisação do parlamento fará entregar-se ao estrangeiro (o estrangeiro somos nós) *qualquer territorio já incorporado ao territorio nacional*.

Ora ahi está.

Padece ainda duvida de que a Trindade já é monarchica?

Pois a cousa vai assim, aos poucos, até ficar tudo de uma vez sob o regimen da monarchia... ingleza.

Sr. Ferreira Vianna, attende bem na capacidade do nosso ministro das relações e não abandone os seus companheiros que contam com auxiliar tão dedicado.

O Brazil é do Sr. Carlos de Carvalho, elle quer a monarchia, a monarchia voltará.

A postos!

KON PRADO.

GILLIAT DA RUA DA ALFANDEGA

Ha poucos dias o circumspecto *Jornal do Commercio* noticiando o facto extraordinario de estar um homem, sosinho e sem que ninguém desse por isso, a reconstruir toda a sua casa, á rua da Alfandega, aproveitou o ensejo para louvar o delegado Bartholomeu, que descobriu a habilidade do sujeito, embora elle só trabalhasse altas horas da noite, e assim concorreu para que a multa da prefeitura cahisse de rijo sobre o costado do homem. E terminou o *Jornal* por chingar esse trabalhador emerito de—*avarento sordido!*

Bem se vê que quando V. Hugo escreveu os seus *Trabalhadores do Mar*, em que se encontra a bellissima creação de Gilliat, não conhecia ainda o *Jornal*, nem o Sr. Bartholomeu, nem a prefeitura, nem o sordido aváro... Se os conhecesse, não faria a apothese d'aquelle typo que á custa de seus esforços, elle só, conseguiu safar um navio engravado n'uns cachopos terriveis, e realisando assim uma operação gigantesca, admiravel, genialmente descripta pelo grande poeta!

E' que, cá por mim, que nada entendo dos commentarios que á imprensa diaria cabe fazer a todos os factos que lhe cahem sob o escarpello afiado e moralizador, tenho que o homem da rua da Alfandega era um novo Gilliat, a quem não convinha de nenhum modo fazer-se encontradiço com a *pieuvre* da municipalidade, e que o seu hereuleo trabalho merecia um qualificativo qualquer, menos aquelle, injusto e cruel.

Effectivamente, um individuo que sósinho sem auxilio de mais ninguém, carregava todas as noites o pesado material de que carecia, e sosinho, sem nenhum ajudante, reconstruía a sua casinha, fundando alicerces, levantando paredes, rasgando portas e janellas, tudo sem que da rua nada se percebesse, pois elle trazia hermeticamente cerrada a frente da casa, e trabalhava á surdina, sem dar escandalo—esse individuo é um espirito forte servido por um corpo fortissimo, e está mesmo a pedir, não um Bartholomeu que o processe — mas um Hugo que o celebre.

Agora, chamar a esse operario valoroso, a essa mascula organização, a esse temperamento eminentemente laborioso—um aváro sordido—é, sobrerrepisar uma chapa rustida que ordena que este qualificativo repugnante acompanhe sempre aquelle indecente substantivo, uma injustiça que brada aos ceus e até faz com que eu saia fóra do sério e venha cá do meu canto comprimentar entusiasticamente o Gilliat da rua da Alfandega.

Pagou a multa — mas é um homem!

FÉLIX.

ENTRE PAES DE FAMILIA

— Não é possivel, minha mulher calça uns sapatos que custam 80\$000!...

— Pois eu depois que li o Padre Kneipp...

— ?

— Trago a minha descalça.

TIL.

VINTE QUATRO CONTOS

A redacção do *D. Quixote* acaba de receber nada menos de 24 contos, sem aliás haver comprado um bilhete de loteria, sem mesmo ter jogado nos bichos, e ainda mais — sem que houvesse requerido ao Congresso cousa nenhuma, como premio de serviços que não prestou durante a revolta, na direcção de esquadras para inglez vér... ou para americanos impingir.

Ganhámos esses vinte quatro contos ahi assim, do pé para a mão, e custando-nos isso apenas um *muito obrigados*, amavel e delicado, para retribuir a gentileza da dadiva, que, é effectivamente importante, de mór valia, e trouxe-nos contentamento até o fundo d'alma.

Vinte quatro contos, nem mais nem menos!

Dezeseis d'esses contos assigna-os o grande mestre, Machado de Assis, e subscrive os oito restantes Pedro Rabello, o seu mais aproveitado discipulo.

Em verdade, o acaso andou de olhos abertos e passo seguro ao fazer com que ao mesmo tempo vissem a luz da publicidade as *Varias historias* e a *Alma Alheia*. Nem propositalmente o encontro seria mais a geito preparado, de molde a parallellamente ser admirado o *savoir faire*, o pulso firme do mestre, os progressos e os adiantamentos do discipulo.

Não ha negar que a P. Rabello falta ainda a riqueza de vocabulario de M. de Assis, o conhecimento que este tem das enormes riquezas de que dispõe a lingua portugueza, que elle cultivava com amor e respeito, exaltando-a e dignificando-a.

Mas tambem é incontestavel que Machado de Assis terá um continuador e successor no moço *conteur*, cujo estylo já é solido e firme, que estuda e progride, desenvolve-se gradualmente, tendo sempre em vista a lição do mestre, cuja obra elle estuda e reproduz com admiravel precisão artistico-litteraria.

O *Caso de Adulterio* é exemplo frisante e demonstrativo d'este asserto.

Achavam-se tres brazileiros fóra da patria, quando um d'elles, tendo recebido a *Gazeta de Noticias*, entrou a ler em voz alta, para os outros, esse bello conto, que faz parte da collecção da *Alma Alheia*. . . E os tres, aliás entendidos em jornalismo e litteratura indigenas, antes de haverem visto a assignatura, sentenciaram logo :

— Machado de Assis!

Erraram, é certo. Mas a imitação era tão perfeita, a phrase tão semelhante, o torneio e a elegancia do dizer tão os mesmos, que o equivoco era natural.

E' n'esse conto, sobretudo, que P. Rabello se evidencia o continuador do mestre que escreveu o *Braz Cubas*.

Não comportando estas columnas mais largo desenvolvimento a taes assumptos, limitamos-nos a saudar respeitosamente o mestre, enviar um valente *shake-hands* ao discipulo, e a ambos mil agradecimentos pelos 24 contos com que enriqueceram. . . . a bibliotheca.

Léo.

BRAZILEIROS ILLUSTRÉS

Aproveitando a amnistia, votada depois de tantas emendas, devem entrar hoje e amanhã, vindos de Buenos-Ayres e Montevideo os bravos e denodados batalhadores da liberdade: Dr. J. J. Seabra, coronel Jacques Ourique, 1^os tenentes J. D. Vinhaes, Libanio Lins, Graça, O. Sampaio, Dr. J. Botelho e outros.

Que a Patria receba de braços abertos esses filhos queridos que por ella sacrificaram a vida contente da grandeza do sacrificio.

Parabens aos gloriosos emigrados, que depois de anno e meio de exilio podem emfim, rever a terra natal, abraçar os entes que lhes são caros e reunir-se de novo aos amigos e companheiros que nunca os esqueceram.

Deve tambem regressar em principios de novembro o Sr. almirante Custodio José de Mello, chefe da revolução de 6 de Setembro.

A CIGARRA

Por fora um mimo de graça, por dentro um modelo de estylo, eis o ultimo numero do alegre hebdomadario de Olavo Bilac e Julião Machado.

Até agora enche o nosso escriptorio o canto alegre da encantadora visinha da esquerda. E' o que nos vale neste tempo de politica-gem consolidadora, *prefeita* e mais que *fundan-gassú*.

Parabens aos mestres da arte.

GYP.

NOTICIARIO

Firme continúa a Redacção do *D. Quixote* (20\$000, por anno, 24\$000 para os Estados) de perfeita saude, graças a não ser attingida pela amnistia capenga.

As coisas pelas Alagoás — terra que deu dois marechaes, um que fez a Republica e outro que a desmanchou—não vão lá para que digamos.

A policia andou lá ás voltas com a tropa de linha. A crer o Sr. Oiticica, o 26^o batalhão queria dissolver o corpo policial; a crer o Sr. Arthur Peixoto, não interveio no conflicto nenhum ex-alumno da Escola Militar. Graças a Deus. Tudo terminará bem.

A proposito do Sr. Arthur Peixoto, consta que o Sr. Almirante Gonçalves vae-se interessar no Congresso para ser votada uma lei considerando o illustre sobrinho do ex-presidente da Republica empregado do Thesouro com licença perpetua e ordenado integral. Arthur—é justo—é consolidador da Republica.

A proposito do Sr. Almirante Gonçalves consta que o Sr. Arthur Peixoto vae-se interessar no Senado para que o honrado chefe receba de pancada os 200 contos integraes. Gonçalves consolidou a Republica.

A proposito dos dois consta que talvez juntos consigam alguma coisa, porque dizem que a fortuna é cega; depois dois cegos se apresentam sempre, e finalmente o *double zero* sempre foi partido forte na roleta brazileira.

De Londres levido e forte chegou ha dias, o illustre brazileiro Dr. Arnibal Falcão, a quem o *D. Quixote* saúda com todos os adjectivos do estylo.

Deixou a redacção da *Cigarra* o incomparavel chronista e primoroso poeta Olavo Bilac.

Correu a ultima hora que não perdemos a *Trindade*, o Sr. Ministro do Exterior está arranjan-do empenho forte para o Sr. Rotschild, e a questão está sendo muito estudada pelos consolidadores da Republica Irineu Machado e Raul Pompeia.

A primeira sessão teve logar no cemiterio, a segunda terá no Hospicio, se os doidos consentirem.

Não tiveram—affirmam-nos—cotação nenhuma os bichos n'esta semana.

Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

THEATROS

O velho barracão da Guarda Velha deitou hontem luminaria. Estriou a Companhia Lyrica Sansone com a *Aida*.

Nós, apreciadores da boa musica, esperamos a volta da opera para apresentarmos nossas palmas, pois até a hora em que fazemos a magistral critica da nossa vida festiva depois das 8 1/2, não fomos procurados pelos emprezarios.

O Apollo segue misturando a *Mascotte* velha e cansada com as pernas de umas *divettes*,

regalo dos 69 annos que buscam aperitivo á noite pelos theatros.

Vae tudo muito bem: os japonezes cantam o *idyllo pastoril* de André e *Flôr de Abril*; Blanche Grau e Miola equilibram-se na corda e dão saltos mortaes; Machado faz caretas e pincha os can-can final com as gemeas americanas, ai! ai!

Acertou o Apollo, não falta enchente.

A Sra. Pepa dos 18 continua a fazer o encanto dos frequentadores do Eden. *O Poço encantado* não descança das suas surpresas; a verdade, Sra. Maria Alonzo, dia a dia diminue de volume. E' que tudo cansa, e não é brincadeira estar uma pessoa só p'ra dentro e p'ra fora.

O que só vae para dentro é o dinheiro do publico que, uma vez cahido naquelle *Poço*, adeus vida! não sahe mais.

A Sra. Pepa, dos dezoito, deu no vinte.

O Lucinda segue com as figuras de cera: o Recreio dá *Sal e pimenta*, com copinhos á porta.

Eis o actual theatro brazileiro. . .

Emfim como a Camara ainda não interrompeu as sessões temos onde nos divertir. . .

Boa noite.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Vinte contos (2^a edição) e **Philosophia de Algibeira**, por Valentin Magalhães e Marcos Valente que são uma e a mesma pessoa) recebemos da casa Laemert & C.^a Editores. Agradecemos os dois bellissimos exemplares e brevemente nos occuparemos delles.

Revista pharmaceutica, n. S, anno 1^o (S. Paulo) organ da Sociedade Pharmaceutica Paulista, visitou-nos com a sua habitual cortezia.

Auto-biographia do Dr. Manoel Benicio Fontenelle. — Minas-Geraes.

Revue Medico Chirurgicale du Bresil, etc. n. 9 3^{me} année, director Dr. A. Brissay. Como sempre interessante e bem redigida.

Arcadia, fasciculo II, volume I. Directores Paulo Mendes e Felix Mello. Magnifico. Traz o retrato do poeta Alberto Silva.

Petit Echo de la mode, o admiravel jornal illustrado, de que é agente o Sr. D. F. Reynaud, que sempre nos honra com o seu *Bresil Republicain*, aqui temos no seu n. 40.

Boletim telegraphico, da Repartição Geral dos telegraphos, anno I, n. 36.

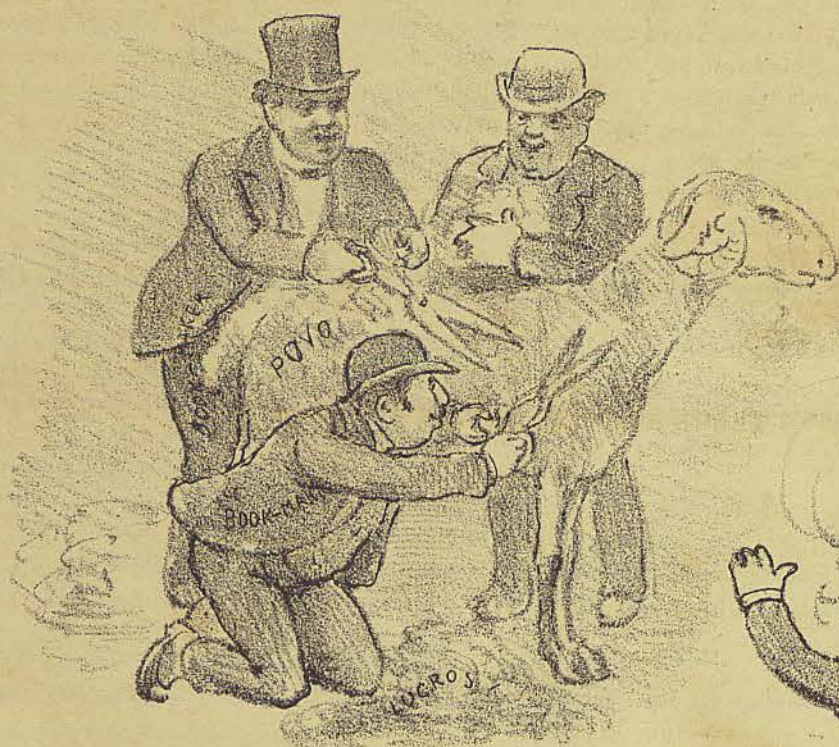
Neta, *valse pour piano*, Belarmino Neves. Vieira Machado & C.^a Editores.

Por mim, canção, poesia de Alvares de Azevedo, e musica de G. Dufriche.

Non te destare, (*Rève d'amour*) Lopez Almagro.

La ravissante, *valse*. Assis Pacheco. Trez bellissimas composições editadas pela conhecida casa Bevilacqua & C.^a

Monopolio? O projecto do Sr. Erico Coelho, apreciado por um paulista. S. Paulo, 1895. Termina assim: « Não; o que o governo precisa monopolisar é a fabricação de deputados, contanto que os dote a todos de senso COMMUM.



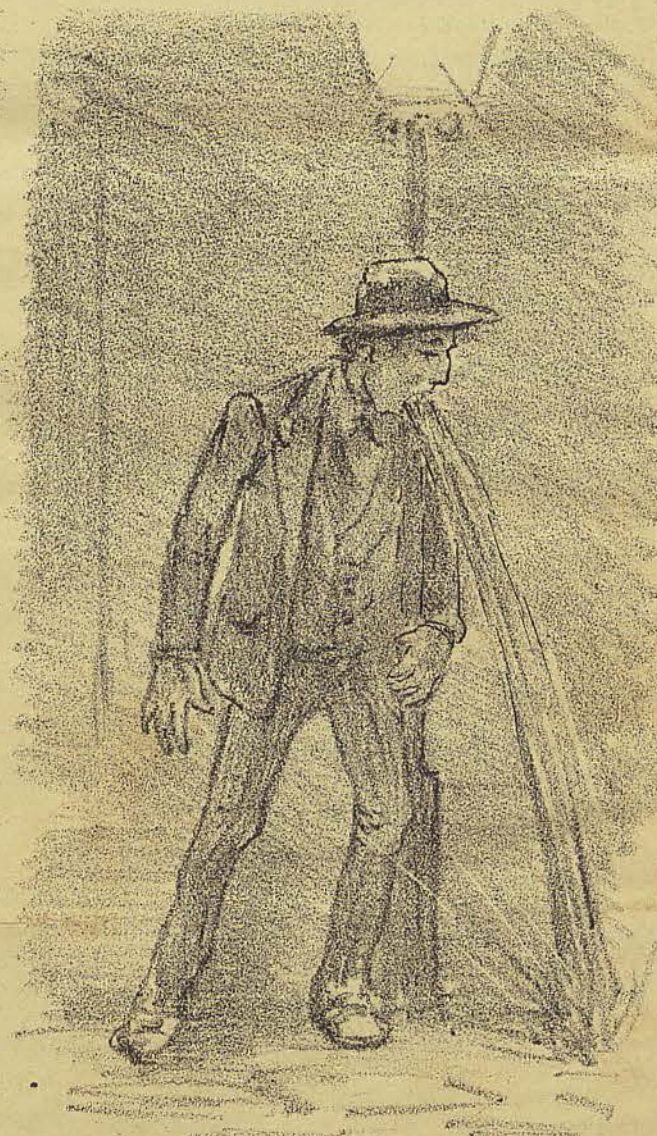
O Zé povo, cansado da tosquia dos book-makers,



deu-lhes a torto a direito... e o rombo foi grande, dizem.



— Sen Jzé' dez tões no porco.
— Agora aqui não se vende, apenas mata-se o bicho.



E o resultado, olha... perdeu tudo!